

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS-UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE

JAQUELINE RIBEIRO BARBOSA

MARCINEIDE ROSA DE JESUS

**O PERFIL DE LEITURA DOS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE POSSE-GOIÁS**

POSSE-GO
NOVEMBRO/2012

JAQUELINE RIBEIRO BARBOSA

MARCINEIDE ROSA DE JESUS

**O PERFIL DE LEITURA DOS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE POSSE-GOIÁS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras
da Universidade de Goiás- Unidade Universitária de
Posse, para obtenção do título de Licenciadas em
Letras-Português/ Inglês.

Orientadora (a):Prof.^a. Dra. Jane Adriane Gandra

**POSSE-GO
NOVEMBRO/2012**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE-GO
PRODUÇÃO DE TRABALHO ACADÊMICO (PTA)
DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA

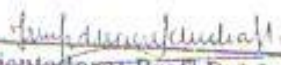
FOLHA DE APROVAÇÃO


Autores: Jaqueline Ribeiro Barbosa e Marcineide Rosa de Jesus

Título: " O perfil de leitura dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Posse-Goiás"

Monografia defendida e aprovada em 21/11/2012

com NOTA 9,5 (nove e meio), pela comissão julgadora:


Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra (UEG)


Prof.ª Jucélia Ramos Silva (UEG)


Prof.ª Luciana Evelin Inácio Alvim (UEG)


Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha
Coordenadora do Curso de Letras-Português/Inglês


Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra
Coordenadora de TCC

Dedico este trabalho em primeiro lugar a DEUS por tudo que proporciona na minha vida, especialmente aos meus filhos, esposo e a meus pais, que são minhas maiores alegrias, que juntamente a mim passaram por inúmeras adversidades durante este percurso, servindo-me de motivação para vencer todas as dificuldades encontradas e as demais pessoas que acreditaram na minha luta.

(Jaqueline Ribeiro Barbosa)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu força durante a execução deste. Em segundo lugar aos que são razão da minha luta, filhos e esposos que sempre estiveram comigo nos momentos de dificuldades, me auxiliando naquilo que eu necessitava na busca constante dos meus objetivos almejados.

(Marcineide Rosa de Jesus)

AGRADECIMENTOS

Aos nossos colegas e amigos, pelas alegrias compartilhadas.

À nossa orientadora Jane Gandra, que nos auxiliou para a realização deste trabalho.

Aos Professores, por confiar na nossa capacidade e pelo convívio durante o curso de Letras.

Agradecemos a Deus, e a nossa família, pois sem eles não conseguiríamos alcançar mais uma etapa significativa na nossa vida, que é a realização dessa monografia.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo.
(Paulo Freire, 1985)

RESUMO

Ao falarmos de leitura, é conveniente ressaltar que ela é um ato individual e social, que se desenvolve a partir do momento em que a colocamos em prática, pois ler não é apenas decifrar as letras e, sim interpretá-las. Além de possibilitar o exercício da compreensão de beneficiar o indivíduo com o conhecimento advindo de sua prática, ela torna possível a interação comunicativa entre o leitor e o autor/texto. No Brasil, há uma deficiência enorme em relação ao ato de ler, sendo que as nossas escolas estão deixando em segundo plano o incentivo à leitura. Diante disso, o presente trabalho dedica-se a apresentar uma amostragem da dificuldade dos educandos do 6º ano de uma escola pública de Posse-Goiás em relação à leitura. Nosso objetivo é descobrir a frequência de leitura, seus níveis e quais as estratégias de ensino são utilizadas para sanar as deficiências discentes surgidas.

Palavras-chave: Leitura – Leitor – Professor – Estratégias de Ensino – Ensino Fundamental.

ABSTRACT

When we talk about reading, it is convenient to emphasize that it is an individual and social act, which develops from the moment we put it into practice, because reading is not only to decipher the letters, but also do interpret it. Besides enabling the exercise of understanding and benefits you by the knowledge gained by its practice, it makes it possible the communicative interaction between the reader and the author/text. In Brazil, there is an enormous deficiency in relation to the act of reading, since our schools are leaving in the background the incentive to the reading. Therefore, the present work devotes to present a sampling of the students' difficulties in the sixth year at a public school in Posse, in the state of Goiás, in relation to the reading. Our objective is to discover the frequency of reading, its levels and which teaching strategies are used to cure the deficiencies arisen among the students.

Keywords: Reading – Reader – Teacher – Teaching strategies – Elementary School.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1: Amostragem do total de alunos.....	26
Gráfico2: Localidade dos alunos do 6º ano.....	27
Gráfico3: Faixa etária dos alunos do 6º ano.....	27
Gráfico4: Realização de leitura.....	28
Gráfico5: Autores mais lidos nas leituras obrigatórias.....	29
Gráfico6: Obras mais lidas.....	29
Gráfico7: Tipos de livros mais lidos.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0	
1. A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR	12
1.1. O ato de ler e a formação do leitor maduro.....	15
1.2. A importância da leitura na vida do educando.....	17
1.3. Leitura, dever da família e obrigação da escola.....	19
2. A LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA	21
2.1. As estratégias docentes no incentivo à leitura.....	23
2.2. O quadro de leitura do 6º ano de uma Escola de Posse.....	25
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

Este estudo, intitulado “O perfil de leitura dos alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Posse-Goiás”, objetiva conhecer o panorama de leitura entre os alunos de uma escola pública. Para tanto, delimitamos nosso *corpus* no 6º ano do Ensino Fundamental, porque o aluno nesse período deve ter uma maior autonomia em relação à aprendizagem. Não estando acostumados a lidar com uma série de disciplina, possivelmente, o ato de ler poderia ficar prejudicado, uma vez que não há mais a tutela do professor no sentido de acompanhar a leitura individual dos alunos. Desse modo, com este trabalho, gostaríamos de descobrir como se dá a leitura entre estes educandos do primeiro ano da segunda etapa do Ensino Fundamental.

Sabemos que a leitura é a condição essencial para o desempenho da oralidade. Por isso, Ulisses Infante afirma que, “a leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade” (INFANTE, 2000, p.57). E, neste aspecto, é importante que a escola faça algo para que o aluno adquira a prática e desenvolva o hábito de ler, já que ela é vista como algo indispensável na vida de um indivíduo.

Contudo, quando se trata de leitura, o significado é bem amplo. Neste caso, ela pode ser uma “forma de comunicação”, fazendo-nos viajar pelo mundo, possibilitando conhecer países, pessoas, lugares distintos por meio da leitura. Além disso, um indivíduo letrado consegue diminuir a injustiça social. Como também consegue acumular saberes, assim, perceber o que acontece no mundo em que vivemos, e nos tornamos indivíduos atuantes. Desta forma, como comenta Maria Helena Martins (1994) a leitura possibilita a “formação integral do indivíduo” (MARTINS, 1994, p.25).

Uma boa leitura deve levar o aluno ao prazer da descoberta e deve ser encarada como uma atividade lúdica. Por isso, a leitura se revela como uma tarefa extremamente significativa. Com ela, experimentamos novas experiências ao conhecermos mais do mundo em que vivemos. Quando é realizada por curiosidade, o indivíduo se renova constantemente, tornando-se cada dia mais preparado para atuar no mundo e se torna capaz de compreender até as entrelinhas daquilo que ouve e vê no ambiente em que está inserido.

Para a organização do assunto, escolhemos dividir este trabalho em dois capítulos centrais. Sendo que, no primeiro capítulo, abordamos de maneira sucinta uma série de teóricos sobre leitura. Dentre os quais os nomes que mais fundamentaram nosso estudo foram:

A importância do ato de ler ([1980] 2003), de Paulo Freire; *Oficina de leitura* (1998), de Ângela Kleimam, *Unidade de Leitura* (2009), de Ezequiel Theodoro da Silva.

Para o segundo capítulo, além de retomar os teóricos mais importantes sobre o ato de leitura, como Paulo Freire (1985), Regina Ziberman, (1993), Luís Camargo (1995) e Michele Petit (2008), apresentamos os dados da pesquisa de campo, onde relatamos através de gráficos o perfil de leitura dos alunos em relação à leitura, à faixa etária, a quantidades de alunos, às obras mais lidas. Constatamos que o nível de leitura é precário, não possuem interesse pela leitura, devido a uma deficiência na alfabetização, pois, provavelmente, estes alunos não tiveram estímulo nem na escola e nem casa. Para nós, os participantes desta pesquisa são totalmente desinteressados e passivos quanto à proposta de leitura.

Na conclusão, retomamos às nossas descobertas e ainda indicamos de maneira despretensiosa algumas estratégias de ensino no incentivo à leitura.

1. A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Quando a leitura é prazerosa, tendo o professor como mediador, fica mais fácil que o aluno aprenda de maneira satisfatória. Não importa que tipo de leitura se faça, o essencial é o educando ter em mente de sua necessidade como um dos meios de aquisição de seus conhecimentos. Assim, este saber não precisa estar vinculado apenas aos textos didáticos, qualquer portador é válido, como romances, jornais, revistas, gibis, bulas de remédios, encartes de propaganda, mapas, receitas de culinárias, etc. A diversidade de portadores textuais certamente motiva mais o aluno a ler de maneira prazenteira. Segundo Lionel Bellenger (1978), o ato de ler deve provocar desejo e prazer, pois a leitura é uma das atividades de experimentar o mundo:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se, (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido(as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar.

Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer (BELLENGER, 1978, p. 17).

O ato de leitura, além de proporcionar o conhecimento do mundo, provoca bem-estar no leitor e, além disso, é um meio de ele exercer a sua cidadania. Dessa maneira, erroneamente, muitas pessoas pensam que a leitura é apenas uma exigência escolar. Contudo, como já indicamos, a sua ausência na vida do indivíduo é uma das formas de excluí-lo da comunidade do qual ele pertence.

A escola sistematiza a leitura de maneira generalizada e espera que todos os alunos leiam adequadamente. Mas o que se vê na realidade são educandos desmotivados, que não leem e quando o fazem é por mera obrigação escolar. Como não há um trabalho específico para cada aluno, atendendo a suas dificuldades no decorrer do período escolar, este vai acumulando deficiências e tomando aversão de ler. Depois de muitos teóricos discutirem a questão, não é desconhecimento para ninguém que a ausência de leitores é um dos problemas mais agravantes que a sociedade brasileira perpassa atualmente em matéria educacional.

O decorrente trabalho vem tratar da dificuldade dos educandos do 6º ano de uma escola pública de Posse - Goiás no que diz respeito à leitura. Nosso objetivo é identificar qual o panorama de leitura entre estes alunos e descobrir quais as estratégias de ensino que são utilizadas para sanar esta deficiência.

Inicialmente, em relação à leitura é necessário fazer uma distinção entre ler (interpretar o texto, estabelecendo uma comunicação com o autor) e aprender a ler (decodificar os símbolos presentes no mundo). Nesse sentido, Ler é criar uma comunicação com textos, por meio da busca da compreensão. A aprendizagem da leitura constitui uma atividade durável, que se fortalece com novas habilidades, na medida em que se manejam adequadamente textos mais abrangentes. Por isso, o contato com a leitura não se limita ao primeiro ano da vida escolar, mas ao início da vida. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida. Ao chegará escola, a criança já é um “bom” leitor do mundo, portanto, ao nascer, começa a observar e interpretar, tudo que está em sua volta, dando significado a seres e objetos.

Na escola, é dever de todo educador estar atento e saber que tipo de dificuldades que seus educandos estão se deparando quanto à leitura. É preciso que ele saiba lidar com respostas diferentes e valorizar não somente o que está no contexto, mas também o conhecimento da lógica, coerência e consistência nas respostas dos alunos. Só, então, a partir disso propor estratégias que poderão facilitar o desempenho do educando, almejando o sucesso de toda a turma.

Quando se descobre as deficiências, o professor deve buscar soluções e alternativas que possam saná-las. Uma dessas medidas é compartilhar suas experiências com outros profissionais da área, abrindo um espaço para discussão e propostas de ensino que incentivem a leitura na escola e durante toda a vida.

O triste quadro brasileiro em relação à leitura demonstra que muitos jovens permanecem mais de quinze anos na escola e não adquirem o hábito de ler. Não querem ler, não sabem interpretar um texto, pois eles encontram muitas dificuldades até mesmo na leitura de portadores simples como receitas, recortes de jornais, placas, propaganda entre outras. Embora a leitura ultrapasse os muros da escola, sendo também um dever da família, o professor é uma peça essencial no incentivo ao ato de ler, aproximando o alunado do mesmo. Por esse motivo não deve existir educador que não goste de ler, e não se interesse por nenhum

tipo de texto dos mais simples aos mais complexos. Como este poderá incentivar seus alunos à prática da leitura, se ele não ler, pensando que o seu papel é de formar cidadãos críticos para atuar no mundo?

Portanto, o trabalho com a leitura na escola tem por finalidade levar o educando à compreender as ideias dos autores e buscar nos livros os principais elementos e os efeitos de sentido. A interação que se estabelece entre o texto escrito e o leitor não é igual daquela que se estabelece entre duas pessoas quando se comunica. Ao ler, o aluno está diante de textos escritos por um autor que não está presente para ampliar as informações. Por isso, é natural que o texto proporciona informações ao leitor enquanto lê. Contudo, o texto também atua sobre os esquemas cognitivos do leitor. Quando alguém lê algo, aplica um determinado esquema, confirmando-o, ou ainda tornando-o mais evidente e correto. Assim, as duas pessoas lendo o mesmo texto podem entender mensagens diversas porque seus esquemas cognitivos, ou seja, as capacidades de aprendizagens e o conhecimento de mundo de cada indivíduo são diferentes.

Finalmente, a intenção de todo professor quanto à leitura deve ser aquele leitor que Marisa Lajolo (1984) “chama de leitor maduro, [ou seja,] aquele que é capaz de deslocar e alterar o significado de tudo que leu, assim tornará mais profunda a sua compreensão dos livros, dos povos e da vida”. Será essa, portanto, a nossa discussão no subcapítulo que segue.

1.1-O ato de ler e a formação do leitor maduro

É importante ressaltar que a leitura tem por objetivo levar o discente a analisar e compreender as ideias dos autores e buscar no texto os principais elementos do que está exposto, e interagir com o autor e fazer inferências acerca do que foi lido.

Na sala de aula, o professor deve trabalhar a leitura incentivando os alunos a ter uma visão significativa do ato de ler, fazer com que o aluno entenda que ler é compreender e quando a pessoa compreende o que está sendo lido, ele começa a produzir sentidos e a adquirir significados. Quando o indivíduo não consegue interagir com o texto, fatalmente sua ação é nula, ele fica perdido num mar de informações.

[...] durante a leitura de uma mensagem escrita, o leitor deve raciocinar e inferir de forma contínua. Isto é, deve captar uma grande quantidade de significados que não aparecem diretamente no texto, mas que são dedutíveis: informações que se pressupõe, conhecimentos compartilhados entre emissor e receptor, relações implícitas (temporais, de causa e efeito, etc.) entre os elementos do texto (COLOMER, 2002, p. 31).

Algumas estratégias favorecem o contato integral do aluno com o texto: incentivar os educandos a ler em voz alta¹, para que ele possa escutar a própria voz; debater as principais ideias do autor, relacionando com o conhecimento de mundo dos discentes, desconstruir fisicamente o texto e remontá-lo, seguindo a lógica do texto e etc. Contudo, é oportuno pensar sobre o valor da leitura silenciosa, que possibilita ao leitor uma potencialização de sua reflexão:

Um livro que pode ser lido em particular e sobre o qual se pode refletir enquanto os olhos revelam o sentido das palavras não está mais sujeito às orientações ou esclarecimentos, à censura ou condenação imediata de um ouvinte. A leitura silenciosa permite a comunicação sem testemunhas entre o livro e o leitor e o singular „refrescamento da mente”, na feliz expressão de Agostinho (MANGUEL,1997, p. 68, grifo nosso).

No entanto, a leitura silenciosa ou não são fundamentais para que o indivíduo desenvolva o seu potencial de leitura. Deve-se, portanto, respeitar o modo escolhido, aquele que ele se sente mais confortável enquanto ler, pois cada pessoa possui seu jeito de entender.

Como já antecipamos, a primeira é relevante no momento da interpretação de um texto, por que o leitor pode se concentrar individualmente no que está lendo e a segunda é importante para que o aluno possa adquirir a prática da oralidade. Sabemos que muitos terminam o ensino médio sem ler corretamente², ficam nervosos, não respeitam pontuação, gaguejam, fazendo com que o texto fique sem coerência.

¹ Cf. Soares, 2001, p 28. A leitura em voz alta é interessante por que outras pessoas participam do assunto que está sendo abordado, dando margem a várias interpretações e o professor poderá perceber se o aluno está entendendo ou não. Porém, tem alguns aspectos que são percebidos quando lemos em voz alta, por exemplo, a pronúncia, a pontuação e que se torna mais difícil de entender, por que o leitor deixa de focar no conteúdo exposto e sim na entonação.

² Para o desenvolvimento da oralidade, o livro didático constitui-se um excelente portador. Nele, podemos utilizar os textos que se referem às reportagens, entrevistas, anúncios e etc. A partir disso, o aluno poderá estabelecer uma reflexão sobre a linguagem, fazer debate para que ele possa interagir na sala de aula.

É certo que a leitura oral não é fácil, depende de prática, é complicado e faz com que os alunos percam o gosto de ler, sendo que a maioria foi habituada a ler silenciosamente, e quando são obrigados a ler em voz alta não conseguem.

Independente do modo escolhido para se ler, o fundamental é que o professor seja crítico, e que leve o aluno a descobrir e a relacionar este conhecimento com outros saberes. Sabemos que a leitura vai desde o desenvolvimento da capacidade de decodificar a palavra até a capacidade de compreender textos. Por isso, nos dias atuais não há mais espaço para a leitura tradicionalista, impessoal, centrada somente nos livros. Pelo contrário, ela é um processo interativo que está sempre voltada para o crescimento de quem a detém. No entanto, é necessário que o educando a veja como algo de extrema utilidade social, procurando decifrar o significado de tudo que está escrito ao seu redor. Acerca disso, João Wanderlei

Geraldi afirma que: "Aprender a ler é assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações" (GERALDI, 1996, p.70).

Não podemos considerar que os jovens que ficam constantemente conectados a computadores e celulares sejam leitores maduros, como o quer Marisa Lajolo (1984). Porque para que isso ocorra é necessário que ele não só tenha conhecimento do fato, mas que estabeleça relações desse com outros conhecimentos. Alterando, acrescentando e tirando suas próprias conclusões sobre o assunto em questão.

Desse modo, todo educador deve utilizar-se das novas mídias de tecnologia no seu auxílio quanto ao incentivo à leitura. O importante é fazer com que o jovem adquira o prazer de ler um bom livro como na mesma intensidade de estar no *chat* com amigos.

1.2- A importância da leitura na vida do educando

Em relação ao uso da leitura, observa-se a sua grande importância, pois a mesma está presente em nosso dia-a-dia com diversas finalidades, não importando quais. O ato de ler deve ser algo em que o leitor estabeleça relação de compreensão com o texto, uma leitura automática, por exemplo, em que ocorre a ausência do real significado do texto, não absorve conhecimento. Assim, para Marisa Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir - lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, p.59).

Evidentemente, a leitura vem estabelecendo-se como objeto primordial, tornando-se essencial para a interação do indivíduo na sociedade. A sua produção de sentidos vai desde um simples rótulo de produto até obras mais complexas, como os romances de Machado de Assis, que retratam a condição humana. Ezequiel Theodoro da Silva compreende que:

A presença de leitores críticos é uma necessidade imediata, de modo que os processos da leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social. Leitores ingênuos, pessoas impassíveis diante das condições sociais e acostumadas a ótica convencional de perceber os fatos, muito provavelmente permanecem felizes em exercer sua cidadania „de meia tigela“, a bem daqueles que detêm os privilégios (SILVA, 2009, p. 33).

Em toda leitura, espera-se que o leitor consiga buscar a essência do texto e sua criticidade, que consiga identificar o ideal do autor, e para isso esteja pronto a ter um posicionamento referente ao texto. Desta forma, quando uma pessoa lê deve racionalmente perceber que, por trás de cada texto lido, existirá uma mensagem intencional, com uma visão de mundo diferente. Assim, é por meio da leitura crítica que o leitor encontrará o seu próprio significado. Onde o mesmo terá a possibilidade de criar e recriar, com base no que foi lido. “A leitura crítica movimenta-se sempre no horizonte do bom senso, busca e detecta o cerne das contradições da realidade” (SILVA, 2009, p.28).

No processo de formação de um leitor crítico, o mesmo se deparará com situações em que ele terá que desvendar vários fatores do texto, ou até mesmo decifrar seu conteúdo, obtendo interpretações, descobrindo que, em um texto, nunca existirá uma única interpretação. Assim, ler um texto põe em ação todo um conhecimento de mundo, além de outros textos que trazem informações úteis, como por exemplo, uma notícia, uma propaganda, uma receita ou os outros tipos de leitura, podendo esta ser verbal ou não verbal.

Todos estes pontos relatados favorecerão para uma boa formação de leitores críticos, onde os mesmos serão capazes de refletir, agir e interagir com a sociedade, pois desta forma os bons leitores terão autonomia para saber quando e como levantar questionamentos mediante as autoridades. Tem que ser capaz de ler e entender o texto usá-lo em diferentes formas para obter uma leitura significativa, antes de tudo é necessário que o leitor se sinta íntimo do texto, para poder se sentir motivado e buscar a compreensão deste em suas respectivas possibilidades de significados.

A leitura crítica para o aprendizado do aluno vem contribuir para o seu rendimento escolar, pois a base para um ensino significativo é o ato de interpretar, fato que está presente em todas as disciplinas escolares. E que são princípios primordiais para uma boa educação onde a realidade se encontra bastante diferente do que mencionamos em relação à compreensão de um texto que nem sempre é interpretado de acordo com o que está escrito. Ezequiel Theodoro da Silva, um dos pioneiros no uso da terminologia *Pedagogia da leitura* afirma que: “Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (SILVA, 1987, p. 45).

Entretanto, a leitura que está sendo realizada atualmente não tem nenhum aprendizado que possibilite uma postura crítica do leitor. É necessário que o contexto da leitura seja capaz de levar o aluno a pensar e a adquirir um conhecimento extralinguístico, conhecimento este que sirva de uma boa bagagem para as futuras situações de vida do leitor.

1.3- Leitura: dever da família, obrigação da escola

A escola que se preocupa com o aluno é uma escola que educa para a vida. Ela não deve enxergar o aluno como pronto e acabado e, sim como uma pessoa que esta em processo de transformação. Mas ela sozinha não faz diferença na vida escolar do aluno, é necessário à participação dos familiares do educando nessa tarefa. Cada um fazendo asua parte para que se atinja o objetivo que é o desenvolvimento cultural, social e emocional do educando.

Toda instituição tem autonomia para traçar caminhos que envolvem professores, pais e alunos e toda a comunidade escolar. Por mais complexo que seja a organização da escola, é

indispensável ter sempre presente a interação professor e família, porque este é o suporte estrutural mais eficiente na formação integral do educando.

A escola é o ambiente exclusivo de atuação profissional e política do professor, a qual cabe tarefas de assegurar aos alunos um resistente domínio de conhecimento e capacidade, de desenvolvimentos de suas capacidades intelectuais de pensamentos criativos e críticos capazes de participar nas lutas pela transformação social. Ela deve acompanhar esses processo de transformação e garantir uma educação de qualidade, precisa desenvolver competências que desenvolvam o senso crítico dos alunos e a capacidade de reflexão diante de tantas informações que recebem. Já a família, além de dar continuidade ao trabalho escolar no tempo restante que a criança passa em casa, é essencial para que a criança ganhe confiança para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida. Contudo, Pires (1999) adverte que

“[...] a família e a escola mudaram de modo significante nos últimos tempos” (PIRES, 1999, p.134) . Segundo o autor, antigamente a família dava apoio para a escola, mas atualmente, tem deixado toda a obrigação de educar para a escola. O professor passou a ter, portanto, toda a responsabilidade no ato de educar a criança.

A relação entre escola e família deve acontecer regularmente, sendo que o sucesso ou o fracasso na aprendizagem do aluno deve ser assistido por ambos. A participação da família na unidade escolar é fator primordial, ela é a base de tudo na vida do ser humano, e nela que a criança aprende as primeiras noções da vida, e deve cumprir seu papel e a escola complementar.

Quando a leitura é valorizada e presenciada em casa a criança aprende com maior facilidade, ao ver um adulto folhear livros, revistas, a forma como uma pessoa que sabe ler age ao deparar com uma propaganda, uma carta ou algo que chame atenção por mais que a criança não decodifica o signo linguístico, mas está sempre inserido nesse mundo. Por isso que Fernandez Alicia considera que tanto o sucesso como o fracasso é parte de toda comunidade escolar e não apenas do aluno:

Para aprender, necessita de dois personagens (ensinante e aprendente) um vínculo que se estabelece entre ambos”. Segundo a autora, para chegar a uma personagem efetiva deve haver um ensinante e um aprendente e, entre eles, um relacionamento. Quando há um fracasso na aprendizagem, é preciso

pensar sobre estas situações, pois o problema está no professor, na escola, nos pais e não exclusivamente no aprendiz (FERNANDEZ, 1991, p. 47).

Para que o aluno aprenda é preciso que o professor estimule, ensine, onde há aluno e professor ocorre aprendizagem. Paulo Freire (1996), no seu livro *Pedagogia da autonomia*, aborda sobre os saberes necessários à prática educativa “o bom professor é o que consegue enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do pensamento” (FREIRE, 1996, p.86).

Desse modo, o bom desempenho do aluno perpassa tanto pelas mãos da família como da escola. É um trabalho de parceria em volta de um mesmo objetivo: a formação ética, emocional e cultural dos discentes.

2. A LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

Em relação à leitura na escola, a primeira coisa a ser citada é que se percebe uma grande falha da escola, pois a mesma não está tendo bons critérios de aprendizagem, querem obter do aluno os acertos e os erros mais visíveis da escrita, sem levar em consideração o que se passa na cabeça do aluno enquanto lê. É visível, cobra-se mais do aluno questões referentes à escrita, enquanto que a leitura é deixada de lado.

Desde os primeiros anos escolares é fundamental que a escola dê ênfase na leitura, tanto quanto a atividade escrita, pois aquela é tão ou mais importante. Nesse sentido, Regina Micheletti discute que “[...] a leitura é um ato solitário, depende da vontade de um *eu* e de sua capacidade de posicionar-se diante do discurso do outro” (MICHELETTI, 2006, p.17).

As propostas encontradas em relação à escrita serão baseadas na prática da leitura, de forma que cabe a escola, antes de tudo focar na prática da leitura e os resultados da escrita serão alcançados.

Nas escolas podem se utilizar a leitura como fonte de prazer, fazendo com que o aluno, goste de ler e sucessivamente de estudar. Contudo, existe uma situação de negatividade da escola em relação à leitura, principalmente, quando o aluno vê, esta, como uma

“obrigação” em sua vida, isso acontece devido não ter sido estimulado desde o princípio de sua alfabetização.

O método de ensinar na escola começa introduzindo a leitura, através de famílias silábicas, ou seja, pela decifração de letras, causando um problema para o aluno, pois o mesmo tem que aprender “decorar” as famílias silábicas, untá-las e decifrar as palavras e todo texto, porém o resultado obtido a este método são leitores de palavras, ao invés de leitores de texto em si. Desse modo, os futuros leitores não terão a habilidade de ler, mas não saberão interpretar e compreender os textos. De acordo com Sole:

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura. Envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura (SOLÉ, 1998, p.22).

O limite exclusivo para a extensão da leitura é a imaginação que o leitor possui. É ele mesmo quem produz as imagens referentes do que está lendo. Por isso, a leitura se mostra como uma atividade extremamente significativa e satisfatória, além de adquirirmos mais conhecimentos, cultura e uma maior capacidade de diálogo para as diversas situações que o mercado de trabalho irá impor a este futuro trabalhador.

2.1. As estratégias docentes no incentivo à leitura

Ao nos direcionarmos as questões sobre leitura, deve-se ter em mente primeiramente, que a forma como a escola vai abordá-la poderá decidir pela formação ou não de um bom leitor.

É sabido que muitos alunos não se interessam pela leitura, mas isso não quer dizer que a escola e o professor devam desistir desses educandos. Exigir ao máximo talvez seja a solução, pois aprender algo é resultado de muito esforço e dedicação.

No entanto, tanto o exercício coerente quanto o exemplo do professor são ingredientes importante no incentivo à leitura. Na formação de alunos leitores, não vale somente mostrar entusiasmo se não tiver competência. Se o professor não demonstrar que tem o hábito de ler e gosto pela leitura, dificilmente a criança despertará ou desenvolverá tal aptidão.

[...] sem professores que sejam leitores maduros e assíduos, sem professores que demonstrem uma convivência sadia com livros e outros tipos de materiais escritos, sem professores capazes de dar aos alunos testemunhos vivos da leitura, fica muito difícil, se não impossível, planejar, organizar por programas que venha a transformar, para melhor, as atuais práticas voltadas ao ensino da leitura (SILVA, 2009, p.58).

O autor menciona a questão de professores que não gostam de ler, e isso faz com que os alunos se tornem desmotivados à leitura. No que concerne às estratégias de leitura são aprendidas como se ensina ao aluno equações de segundo grau. Isabel Sole considera que, “se as estratégias de leitura são procedimentos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão de textos, estas não amadurecem, nem se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se ou não se ensinam, e se aprendem ou não se aprendem” (SOLÉ, 1998, p.69).

A autora descreve que as estratégias servem para que o professor promova nos alunos competências para interpretar e compreender textos de forma clara e compreender melhor a ideia de estratégia de leitura. Assim, dificilmente surgirão alunos leitores sem auxílio e influência de outra pessoa, que seja professor, amigos e até mesmo a família.

A escola deve ser uma espécie de motivador dos alunos no processo da prática de leitura, pois a imagem de alunos que “não sabem ler” ou “não tem gosto pela leitura” deve ser desconstruída e tentar construir nestes, a imagem de alunos que podem se tornar leitores assíduos, assim como expõe Manguel:

O leitor, ao entrar em contato com livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos, ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua (MANGUEL, 1997, p. 277).

Mas para isso é fundamental um planejamento diversificado de atividades de leituras em sala de aula. Alguns teóricos, como Ezequiel Theodoro da Silva consideram que a "a ficha

de leitura é um recurso que poderia ser significativo e viável para a educação dos leitores” (SILVA, 1993, p.60). Outros recursos seriam o professor, no desejo de prender atenção do aluno, procurar algo concreto no dia-a-dia, como as novas tecnologias existentes: *slides*, *clips*, músicas, filmes, internet, etc. Muitos educadores acham que os recursos tecnológicos é uma péssima influência para os alunos, mas os professores devem perceber que essas novas tecnologias podem ser um auxiliar interessante para o aluno se manter informado.

As leituras orientadas, ou obrigatórias com os alunos costumam dizer, podem contribuir pela constância do hábito de ler e a avaliação da interpretação desses livros por parte dos alunos. Várias poderia ser a maneira como ele expressaria seu conhecimento do livro. Nesse sentido, o docente poderá extrapolar a sua imaginação e propor atividades avaliativas ricas e lúdicas: como teatro, teatro de bonecos, paródia, composição de música, criação de cartazes com ilustrações, dança, etc.

2.2. O quadro de leitura no 6º ano de uma escola pública

De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), “A escola é espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino” (PCNs, 1998, p.22).

O ensino deve visar e formar leitores críticos, e contribuirá para um bom rendimento escolar, pois a base para o ensino qualificativo é o ato de interpretar, fato este que estão presente em todas as disciplinas escolares em que os mesmos usam seus conhecimentos adquiridos através da leitura para pôr em prática suas ideias. Segundo Ângela Kleiman (1999), “hoje em dia, o indivíduo precisa ser bilíngue, na língua oral e na língua escrita, [pois] ele deve ter tanta facilidade para compreender e produzir o texto escrito como a que ele tem para compreender e produzir o texto oral.”

Diante dessa afirmativa, percebe-se que há uma preocupação da autora, pois se sabe que existe uma deficiência quando se trata do incentivo à leitura no âmbito escolar. A prática da leitura é um fator essencial no processo educacional, mas que não tem sido realizado de maneira eficaz. Uma grande parte da sociedade brasileira não tem acesso a livros, sendo isso por diversos problemas: baixo poder aquisitivo; ausência de políticas públicas, como na criação de programas de leituras, que democratizem as leituras em bibliotecas e espaços comunitários; ausência de incentivo na família para ler e etc.

Dessa forma, a escola passa a ser o único espaço em que a criança menos favorecida economicamente tem acesso à leitura. Mas que na prática isso não acontece por diversos problemas de ordem didática e organizacional da escola. Por exemplo, muitas escolas não têm um programa de leitura adequado para cada ciclo de ensino, nem as suas bibliotecas ou estes espaços improvisados funcionam plenamente em auxílio ao trabalho docente, pois, muitas vezes, estão trabalhando nesses locais pessoas desqualificadas, à espera de aposentadoria ou em desvio de função.

Assim, o professor permanece solitário no enfrentamento desse problema, não tendo muito que fazer senão improvisar atividades e acreditar que está fazendo o melhor para que seus alunos aprendam a gostar de ler.

Mesmo diante de tantas adversidades, é necessário que o professor descubra que tipo de leitura atrai mais os seus alunos. Não importando muito qual seja o portador, o interessante é que, desde muito cedo, a criança desenvolva o prazer pela leitura e que isso seja um hábito corriqueiro em sua vida. Por exemplo, se seu aluno gosta de esporte, cabe ao professor procurar realizar nas suas aulas temas relacionados ao assunto e, assim, iniciar uma gradação de dificuldade, começando dos mais simples até chegar aos mais complexos. Em seguida, mostrar outros temas, com intuito de ampliar o horizonte de conhecimentos.

Neste estudo específico, para conhecermos o panorama de leitura entre os alunos do 6º ano da segunda etapa do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Josefa Barbosa Valente, situada no município de Posse - Goiás, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de questionários, entrevistas com os professores e alunos, relatórios e conversa informal. Os dados coletados foram analisados e condensados em gráficos.

A sala escolhida para a esta investigação tem no total 41 alunos, sendo que 22 deles são do sexo feminino e os 19 restantes são do sexo masculino. Por incrível que possa parecer, aqueles que responderam gostar mais de ler foram as meninas, num percentual de 53,7% contra 46,3% dos meninos. Como demonstra o gráfico a seguir:

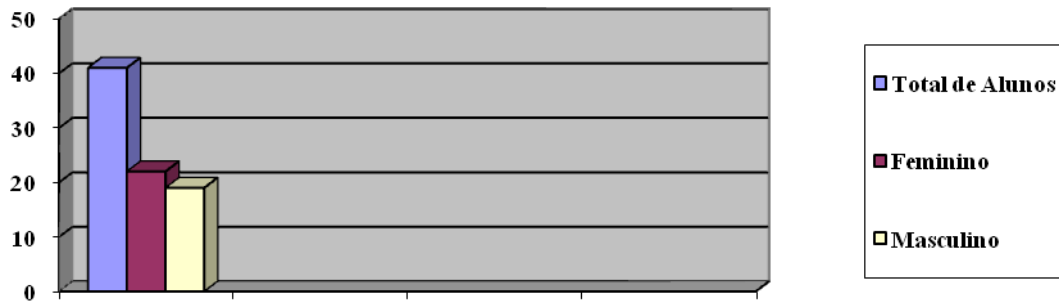


Gráfico 1: Amostragem do total de leitores do 6º ano por gênero

Embora as meninas exercessem o papel de leitor mais do que os meninos, essas leituras não eram de iniciativa própria, pois as mesmas eram feitas obrigatoriamente para fichamentos e exames finais. Muitas dessas alunas relataram que não recebiam incentivos em casa, porque os pais não tinham o hábito de ler ou eram analfabetos. Para se ter noção, 90% desses estudantes afirmaram que recebiam incentivos somente da escola no que se referia à leitura.

Desse universo de educandos, quase que a maioria reside nas periferias de Posse, tendo ainda alguns que moram na zona rural.

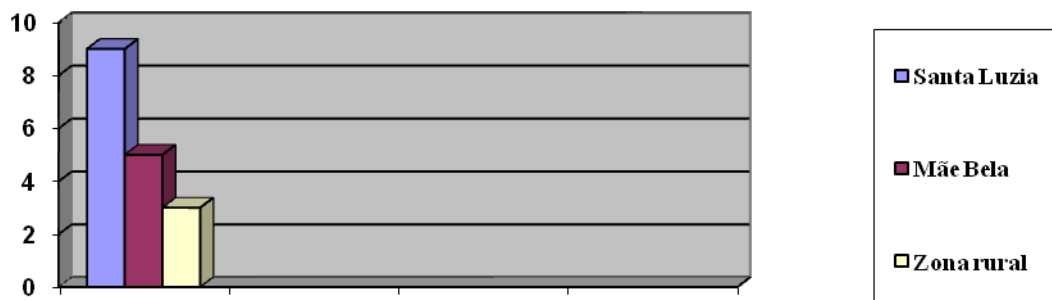


Gráfico 2: Localidade dos alunos do 6º ano

Sendo, portanto, jovens que não tem muito poder aquisitivo. Por isso, em suas casas quase não há livros. Além disso, por morarem distante da Biblioteca Municipal José Décio B. Filho, localizada no Centro da Juventude Domingos José Valente, contribui para a ausência ou inconstância de leitura. Outro indicativo é a defasagem de idade/série, pois muitos alunos são repetentes e desmotivados. Como pode ser visto no gráfico 3 que apresentamos a seguir.

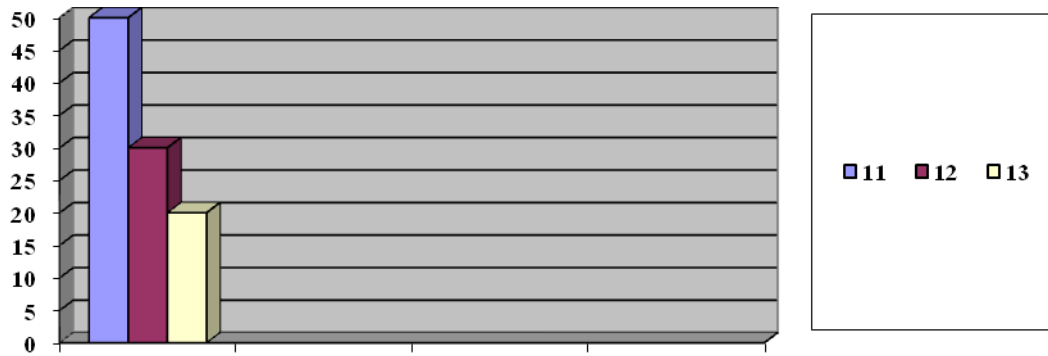


Gráfico 3: faixa etária dos alunos do 6º ano

Em suma, constatamos que esses alunos ainda não têm maturidade suficiente para entender que a leitura é essencial para interagirmos com o mundo e exercermos verdadeiramente nossa cidadania. Por isso, nessa fase, é fundamental a intervenção do professor em mediar o processo de aquisição e continuidade de leitura. Pois só assim se efetivaria uma feliz afirmativa de Gramsci, citado por Josiane Santos (2010), ao conceituar o professor como um “condutor de mentes”.

Acredita-se que, se o professor trabalhar em suas classes com diversos gêneros textuais, como textos informativos e poéticos, isso possibilitará a criança experimentar e, posteriormente, escolher quais destes mais lhes interessam em suas leituras. Sabe-se que o livro didático é, para a maioria dos alunos, o único portador textual que eles manuseiam diariamente, daí o seu papel de auxiliar na formação desses leitores.

Como principal fonte de leitura de grande parcela do alunado, o livro didático tem papel fundamental na formação de leitores. Por essa razão, a análise e a discussão do trabalho de leitura proposto por este tipo de material didático são relevantes, à medida que podem contribuir para que o professor passe a olhar esse material mais criticamente, interferindo nas propostas, para melhorá-las ou complementá-las de acordo com suas necessidades. (JURADO; ROJO *apud* BUNZEN, 2009, p.37).

Diante dessa questão, descobrir o motivo das leituras, se orientada pelo docente ou por iniciativa dos alunos, e os títulos que mais lhes agradavam passou a ser uma das propostas deste estudo. No gráfico abaixo, constata-se que eles leem mais por indicação da professora para fazerem exercícios avaliativos.

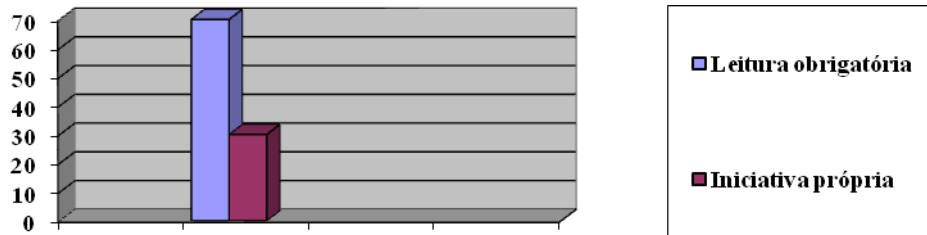


Gráfico 4: Realização de leitura

Nessa enquete, 70% dizem não gostar de ler e leem por obrigação para serem avaliados. Relataram ainda que quando o professor lhes pede a leitura de um determinado livro para ser apresentado em sala, reclamam, e acabam buscando o resumo da obra na internet. Por falta de hábitos de leitura, os alunos não entendem os fundamentos básicos da mesma. Regina Zilbermann considera que

As atividades de leitura em sala de aula atendem a dois objetivos básicos: informação e recreação. O professor vai indicar, então, livros, jornais, revistas e outros periódicos sobre o assunto em pauta em determinado momento (ZILBERMANN, 1993, pág. 86).

Justificaram que a leitura de um livro, demora muito, principalmente quando é de difícil compreensão. Muitos mencionaram que, desde o primeiro ano escolar, não tinham o hábito de ler, e nunca receberam incentivos da família.

Tanto na leitura com fins avaliativos quanto aquela por vontade do aluno, conferimos que um dos autores mais lidos foi Jair Vitória e o menos lido foi Luís Fernando Veríssimo.



Gráfico 5: Autores mais lidos nas leituras obrigatórias

Durante a pesquisa, alguns alunos citaram os títulos das obras desses autores que haviam lido e/ou gostado, como é mostra do no gráfico seguinte: Dentre esses livros infanto-

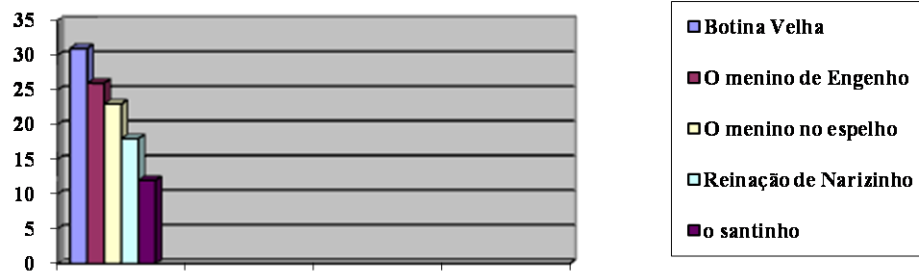


Gráfico 6: Obras mais lidas

juvenis,

“Botina Velha”, de Jair Vitória chamou bastante a atenção dos alunos, principalmente no que se refere aos recursos visuais, como a capa. Possivelmente, porque a botina é algo do universo desses alunos, pais e amigos usam para trabalhar. Isso os motivou a descobrir por meio da leitura o que poderia acontecer com a botina velha. Luís

Camargo considera que “[...] segundo as experiências de vida de cada um e das perguntas que cada leitor faz das imagens, ele pode tornar o ponto de partida de muitas leituras” (CAMARGO, 1995, p.79).

Outro portador textual como segunda preferência de leitura entre os alunos do 6º ano foi o gibi. Certamente por conter histórias curtas e engraçadas, ao contrário de romance, que tem uma leitura mais complexa. Durante a pesquisa, um comentário dos alunos nos chamou a atenção: eles nos disseram que não gostavam muito de falar sobre leitura, que até chegar ao Ensino Médio já teriam lidos bastantes livros, que agora não era momento para se preocuparem sobre o assunto.

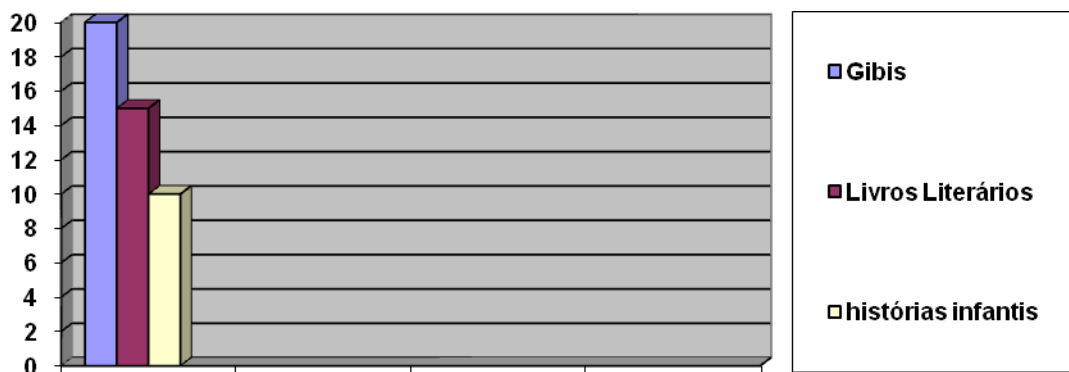


Gráfico 7: Tipos de Livros mais lidos

Houve 10% do total de alunos que não se lembraram dos títulos que leram há pouco tempo. Isso nos indica que tanto o trabalho docente no incentivo à leitura como aquela feita pelo aluno não obteve um significado positivo, pois não houve de forma eficaz uma exploração da leitura, caracterizando, portanto, que não havia um objetivo claro com a atividade literária.

O panorama de leitura entre os alunos do 6º ano não é nada favorável, ilustrando que nem a escola, no papel do professor, tem um plano de ação para desenvolver o hábito de ler, nem os alunos se sentem motivados com os projetos literários indicados pelo docente. Assim, percebemos uma defasagem de leitura bem significativa nessa série, que pode estar relacionada com o baixo rendimento escolar desses alunos, uma vez que há repetentes na turma. Outro indicativo é que estes educandos serão no futuro meros decodificadores de texto, sem compreenderem realmente a mensagem que cada portador textual, seja ele informativo ou poético, traz dentro de si. Michele Petit (2008) aborda que a proporção de jovens leitores diminuiu à medida que há inovações tecnológicas na música, televisão, internet, esportes e outros. Certamente, o motivo seria que estes meios provocam prazer no indivíduo, sensação que a leitura também deveria promover. No entanto, pelo menos aos olhos dos alunos, a atividade de ler parece estar longe desse propósito.

CONCLUSÃO

A leitura possui uma relevância muito grande na vida do indivíduo, pois sem ela não conseguiríamos viver adequadamente na sociedade. Além disso, ela funciona como atividade que gera prazer e conhecimentos, modificando a maneira do indivíduo de ver o mundo, tornando-os capazes de exercer sua cidadania.

Devido à sua importância, a leitura não deve funcionar como uma prática autoritária ou de punição, pois o aluno deve se sentir à vontade diante do livro e motivado a ler.

Os dados obtidos em nossa pesquisa de campo demonstraram que existe ainda uma defasagem muito grande na prática de leitura entre os alunos da fase inicial da educação básica. Observamos que a maioria dos alunos não tem o hábito de ler, leem pouco e quando o fazem é na escola. Não houve relatos que eles liam em outros ambientes, como a casa de amigos e vizinhos, igrejas, centros comunitários, etc. Dentre os livros sugeridos para a leitura, dois deles obtiveram grande interesse entre os alunos, *Botina Velha*, de Jair Vitória e *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Entendemos por meio disso que livros com temáticas significativas à criança e que mostram um mundo de aventuras e fantasias agradam mais os alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental.

Embora os alunos tenham gostado da leitura desses livros, eles em sua maioria são resistentes na hora de ler. Como não recebem incentivos adequados para despertar o gosto pelos livros, o nível de leitura deles não avança. Alguns professores justificaram que seus alunos não gostavam de ler por não terem acompanhamento em casa. Eles relataram que quando é solicitado um livro para ler, muitos pais não acompanham essas leituras. Há alguns que nem sabem que o filho tem leituras obrigatórias a serem feitas.

Ainda que os docentes tenham conhecimento da falha de alguns pais, eles, por outro lado, não diversificam as atividades de leituras, adequando às deficiências individuais de cada um. Assim, constatou-se que entre os docentes não há o hábito de discussão, nem de compartilhar estratégias de leituras para solucionar o déficit de leitura entre os alunos da referida escola.

Sabendo disso, a escola deve mudar seu plano de ação quanto à prática de ler, devendo ser uma das maiores responsáveis na questão de incentivo à leitura. Nesse sentido, os

professores juntamente com os pais e os demais segmentos da escola devem repensar projetos de leitura e propô-los durante todo o ano.

Por fim, ao realizar este trabalho monográfico, percebemos que ele contribuiu muito para a nossa formação de professores de Letras, pois nos deu uma amostragem de como está precário o panorama de leitura entre os jovens, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, os dados aqui evidenciados nos fez pensar em estratégias para podermos formar mais leitores em nossa cidade.

REFERÊNCIAS

- BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. R.J.: Zahar Editores, 1978. Trad. de Dora Flaksman.
- CAMARGO, Luis. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- COLOMER, Teresa; CAMPS Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FERREIRA, Líliliana Soares. **Produção de leitura na escola: A interpretação do texto literário nas series iniciais** – Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.p. 184.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam**. São Paulo. Autores associados, Cortez /AUTORES associados, 1985/1989. Coleção Polêmica do Nosso Tempo.
- FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**. Exercícios de militância e divulgação. Campinas, Mercado de Letras/ ALB, 1996.
- GRAMSCI, Antônio. In: SANTOS, Josiane Gonçalves. **Profissionalização docente**. Curitiba: Editora Fael, 2010.
- INFANTE, Ulisses. **Texto: Leitura e escritas**. São Paulo: Scipione, 2000.
- KLEIMAN, A. B. (org.) **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2º ed. Tradução Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, M.H. (org.) **Questões de linguagem**. São Paulo. Contexto, 1994.
- MICHELETTI, Guaraciaba et al. **Leitura e construção do real: O lugar da poesia e da ficção**. São Paulo: Cortez, 2006.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva.** São Paulo: Ed.34, 2008.

PIRES, Dorotéia Baduy: Disciplina: **construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** Educação e sociedade, v. 20, s.l: s.e,1999.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na Escola,** São Paulo: EDUSP, 1984.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

ROJO, R. **Letramentos Múltiplos escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola editorial, 2009.

SANTOS, Josiane Gonçalves. **Profissionalização docente.** Curitiba: Editora Fael, 2010.

Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª à 4ª série.** Brasília: MEC/ SEF, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios 2ª ed.** São Paulo, Global Editora, 2009.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura 4º.** Ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** São Paulo, Martins Fontes, 1993.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6º ed. Tradução. Claudia Schilling Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMANN, Regina (arg.). **Leitura em crise.** Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.1993, pp. 83-86.

ANEXOS

FORMULARIO INDIVIDUAL DO LEITOR

Leitor: _____ () M () F Idade: _____ Endereço: _____, n° _____, Bairro: _____
DESCRIMINAÇÃO - TIPOS DE LIVROS: () prosa () poesia Especificar os autores lidos: _____
() didáticos () catálogos Qual? _____ () histórias em quadrinhos Quais? _____ () revistas Quais? _____ () outros: _____
Livros por categoria () didáticos () infantis () infanto-juvenis () ação () aventura () comédia () contos () crônicas () mistério () romance () terror () direito () gibis

1. Você gosta de ler? () sim () não

2. Qual o incentivo que você tem para a leitura?

3. Durante o ano de 2012 quais livros você leu?

3. Quais os autores desses livros?

4. Quantidade total de livros lidos no ano de 2012?

5. Essa leitura foi obrigatória ou por iniciativa própria? Se foi obrigatória qual era o objetivo?

6. Você acha que a leitura é importante para a sua vida? Justifique.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG
 UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE
 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - MONOGRAFIA
Curso: Letras/Português- Inglês

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

Projeto de Monografia

Monografia

Declaro que as alunas Jaqueline Ribeiro Barbosa e Marcineide Rosa de Jesus realizaram, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada da Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

- concluída e finalizada (redigida e digitada).
- em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).
- em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).
- realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.
- não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.
- trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse, 14 de Novembro de 2012.

Jane Adriane Gandra

Prof. Dra. Jane Adriane Gandra



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - MONOGRAFIA

Curso: Letras/Português- Inglês

DECLARAÇÃO dos DISCENTES

Declaro para fins documentais que nossa Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês da Unidade Universitária de Posse – GO é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estamos cientes de que seremos reprovados (as) na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmamos esta declaração.

Posse, 14 de Novembro de 2012.


JAQUELINE RIBEIRO BARBOSA


MARCINEIDE ROSA DE JESUS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - MONOGRAFIA

Curso: Letras/Português- Inglês

DECLARAÇÃO de REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, Maria Eliane de Freitas Dias, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês das acadêmicas, Jaqueline Ribeiro Barbosa e Marcineide Rosa de Jesus observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse, 14 de Novembro de 2012.

Maria Eliane de Freitas Dias

MARIA ELIANE DE FREITAS DIAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE-GO
PRODUÇÃO DE TRABALHO ACADÊMICO (PTA)
DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA


FOLHA DE APROVAÇÃO


Autores: Jaqueline Ribeiro Barbosa e Marcineide Rosa de Jesus

Título: "O perfil de leitura dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Posse-Goiás"

Monografia defendida e aprovada em 21/11/2012

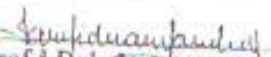
com NOTA 9,5 (nove e meio), pela comissão julgadora:


Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra (UEG)


Prof.ª Jucélia Ramos Silva (UEG)


Prof.ª Luciana Evelin Inácio Alvim (UEG)


Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha
Coordenadora do Curso de Letras-Português/Inglês


Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra
Coordenadora de TCC